



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DO EDUCADOR

FANY SILVA DE SOUZA

AFETIVIDADE E EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ELO INDISPENSÁVEL

Campina Grande – PB

Fevereiro de 2014.

FANY SILVA DE SOUZA

AFETIVIDADE E EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ELO INDISPENSÁVEL

Trabalho acadêmico orientado e apresentado ao Departamento de Pós Graduação Lato Sensu da Universidade Estadual da Paraíba para obtenção do título de especialista em formação do Educador.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lenilda Cordeiro de Macêdo

Campina Grande – PB

Fevereiro de 2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S729a Souza, Fany Silva de.
Afetividade e educação infantil [manuscrito] : um elo
indispensável / Fany Silva de Souza. - 2014.
53 p.

Digitado.

Monografia (Formação de Professores da Educação Básica) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Lenilda Cordeiro de Macêdo,
Departamento de Educação".

1. Educação infantil. 2. Desenvolvimento infantil. 3.
Afetividade. I. Título.

21. ed. CDD 372.24

FANY SILVA DE SOUZA

AFETIVIDADE E EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ELO INDISPENSÁVEL

BANCA EXAMINADORA

Lenilda Cordeiro de Macêdo

Prof^ª. Dr^ª. Lenilda Cordeiro de Macêdo /UEPB

Professora - Orientadora

Paula P. de Castro

Prof^ª. Dr^ª. Paula de Almeida Castro UEPB

Professor - Convidado

Valdecy Margarida da Silva

Prof^ª. Dr^ª. Valdecy Margarida da Silva UEPB

Professor – Convidado

Campina Grande/ PB

“Para que uma criança se desenvolva bem, ela precisa de um ambiente afetivamente equilibrado, onde ela receba amor autêntico e onde lhe permitam satisfazer as necessidades próprias do seu estado infantil.”

Maria Teresa Coelho

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu esposo Sebastião Rodrigues e aos meus filhos: Elvys, Danyel e Fanny Rodrigues, presentes mais valiosos que Deus me proporcionou, sempre me inspiram e fazem com que eu acredite que sou capaz. Compartilho com eles este título e todo o meu amor.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que é nossa fortaleza e está conosco todo o tempo.

A minha família, pelo amor, confiança e apoio.

A coordenadora Prof^ª. Dr^ª. Paula de Castro e a todos os professores que dedicaram seu precioso tempo para contribuir com o nosso saber e crescimento profissional.

Agradecimento todo especial a orientadora e colaboradora Prof^ª. Dr^ª. Lenilda Cordeiro de Macêdo, pela valiosa contribuição com o nosso trabalho, cujas lições tornaram mais frequentes os meus acertos e mais aceitáveis os meus erros, pois é através de ambos que construímos conhecimento.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para que eu concluísse este trabalho. E em especial a grande amiga e principal colaboradora Amanda Cristiane, que tanto me estimulou e quanto me orientou para que este objetivo fosse alcançado.

Não poderia deixar de agradecer a toda a direção do SINTAB em nome do seu presidente Napoleão Maracajá e da ex-reitora Marlene Alves de Sousa e todos que fazem a UEPB, pois foi a partir desta parceria que o meu sonho pôde se tornar realidade.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a concepção dos professores da Educação Infantil sobre o papel das emoções no desenvolvimento da criança de 0 a 6 anos de idade, investigar sobre a relação professor – criança no contexto da educação infantil e refletir sobre o desenvolvimento da criança de 0 a 6 anos de idade. Elegemos, como interlocutores para discutir e analisar os dados autores como Wallon (1995), Piaget (1983), Galvão (2001) Dantas (1992) e outros. Participaram da pesquisa seis professoras de educação infantil. Elegemos uma metodologia de caráter qualitativo, portanto nos utilizamos da técnica de entrevista semi-estruturada, cuja fala das participantes foram gravadas e transcritas na íntegra, e analisadas, através do método de análise de conteúdo. Os resultados da pesquisa nos indicam que as professoras consideram a dimensão afetiva muito importante na educação infantil, pois percebem o afeto como fundamental e importante para o desenvolvimento da criança. Ademais, reconhecem que as emoções são uma forma de comunicação da criança, desde os primeiros meses de vida. Por fim, consideram importante a relação afetiva na educação infantil.

Palavras-chave: Desenvolvimento, Afetividade, Emoção, Educação Infantil.

ABSTRACT

This research aimed to analyze the design of teachers from kindergarten on the role of emotions in the development of children 0-6 years old, investigate the relationship teacher - child in the context of early childhood education and reflect on the child's development of 0 to 6 years of age. Elected as interlocutors to discuss and analyze the data as authors Wallon (1995) , Piaget (1983) , Galvão (2001) Dantas (1992) and others. Participated in the survey six teachers of early childhood education . We elect a methodology of qualitative, so we use the technique of semi - structured interview , which speaks of the participants were recorded and transcribed verbatim , and analyzed by the method of content analysis . The results of the survey indicate that teachers consider important affective dimension in early childhood education because realize the affect as fundamental and important to a child's development . Further recognize that emotions are a form of communication between the child , from the first months of life . Finally, consider the important emotional relationship in early childhood education .

Keywords: Growth, Affection, Emotion, Early Childhood Education.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA

AGRADECIMENTOS

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO.....10

CAPITULO I – A CRIANÇA: APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO.....12

CAPITULO II – A DIMENSÃO AFETIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....18

2.1 As Emoções como forma de Comunicação Humana.....22

2.2 A Docência na Educação Infantil24

**CAPITULO III – A AFETIVIDADE COMO UMA DIMENSÃO FUNDAMENTAL
NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....29**

3.1 Percurso Metodológico e Contextualização da Pesquisa.....29

3.2 Caracterização da Área de Estudo.....30

3.3 Análise e Discussão dos Dados Produzidos30

CONSIDERAÇÕES FINAIS38

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....41

ANEXOS

INTRODUÇÃO

As relações de afetividade na educação infantil tanto as de professor-aluno quanto as de família-criança sempre chamaram a nossa atenção. E como trabalhamos há muitos anos nesta área sempre tivemos como princípio norteador da nossa prática, o afeto. Entendendo como afeto, o sentimento de carinho, atenção acolhimento e respeito pelo outro. Sendo a afetividade essencial ao ser humano, vemos as crianças como sujeitos em fase de formação, necessitando, assim de educação e cuidados que favoreçam o seu bom desenvolvimento e vendo-os como um todo. Por isso nos propomos a investigar essa relação afetiva do professor-aluno na educação infantil à luz de teorias e a partir de concepções de professores desta modalidade de ensino.

Nas últimas décadas temos presenciado rápidas e intensas transformações em nossa sociedade, como as importantes mudanças nas funções e relações dentro da família. Como consequência, temos visto a inclusão da mulher no mercado de trabalho. Com isso, a instituição familiar já não consegue dar aos seus membros a atenção que necessitam para um desenvolvimento afetivo, moral, intelectual, elementos indispensáveis para a formação da dignidade da pessoa humana.

Nos dias atuais nos deparamos cada vez mais com problemas como a indisciplina, agressões físicas e verbais dentro do ambiente escolar e estes, estão sendo relacionados com a falta de afetividade tanto familiar quanto docente. Um professor quando atua apenas como mero transmissor de conteúdo, desconsiderando a totalidade da formação dos indivíduos, certamente provocará efeitos desastrosos na aprendizagem e até mesmo na formação das crianças, pois ao desconsiderar a importância do afeto deixa lacunas no desenvolvimento da criança.

O desenvolvimento humano está relacionado a uma conjuntura de elementos como o social, intelectual, físico e o afetivo. É através da afetividade que nos identificamos com as outras pessoas e somos capazes de compreendê-las, amá-las e protegê-las. A afetividade é uma linguagem humana essencial para a sobrevivência dos bebês e para a convivência humana.

Por fim, a afetividade é uma dimensão humana, fator impulsionador do desenvolvimento das crianças e facilitador da aprendizagem possibilitando, dessa forma, a melhoria da autoestima das crianças e, sobretudo, o desenvolvimento de suas subjetividades.

A relação professor – aluno é essencial para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Para isso, é necessário contar com relacionamentos que ajudam essas capacidades, podendo então o educador, através de sua prática, auxiliar ou não o educando a vencer suas dificuldades físicas, intelectuais e afetivas.

Diante do exposto, nos questionamos: qual é a concepção dos professores de educação infantil sobre a afetividade? Diante desta problemática elegemos o seguinte objetivo: analisar a concepção dos professores da Educação Infantil sobre o papel das emoções e do afeto no desenvolvimento da criança de 0 a 6 anos de idade. Nossos objetivos específicos são: investigar sobre a relação professor – criança no contexto da educação infantil; compreender as manifestações emocionais e afetivas das crianças na educação infantil; refletir sobre o desenvolvimento da criança de 0 a 6 anos de idade.

Os resultados deste estudo poderão contribuir, consideravelmente para a melhoria da prática pedagógica dos professores de educação infantil, contribuindo, sobretudo, para o desenvolvimento integral das crianças, objetivo primordial da educação infantil. Ademais, compreender o afeto, as emoções como uma linguagem e necessidade humana pode implicar em uma mudança nas relações entre professores e crianças.

CAPÍTULO I - A CRIANÇA: APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

Desde o início de seu desenvolvimento, a criança requer uma gama ampla de condições, contatos e estímulos, por parte do ambiente que a cerca. Vygotsky (1997) e Wallon (1995) e Piaget (1983) procuraram mostrar que a capacidade de conhecer e aprender se constrói a partir de trocas estabelecidas entre o sujeito e o meio em que vive. As teorias sócio interacionistas concebem então, o desenvolvimento infantil como um processo dinâmico, pois as crianças não se portam passivas como meras receptoras de informações que estão situadas ao seu redor. O contato com o próprio corpo, com as coisas que integram o ambiente bem como a interação entre iguais, favorece o desenvolvimento da afetividade, cognição, sensibilidade e autoestima da criança, assim como o raciocínio, o pensamento e a linguagem. A articulação dos diferentes níveis do desenvolvimento (motor, afetivo e cognitivo) não ocorre isoladamente e sim de forma simultânea e integrada.

Embora nem sempre concordantes em todos os aspectos, esses teóricos têm possibilitado uma maior compreensão acerca do desenvolvimento infantil, exercendo importante influência sobre ações praticadas por muitas escolas infantis brasileiras.

Para melhor compreensão das teorias e das mudanças profundas que atingem a infância, a criança, e o desenvolvimento, o avanço em determinadas áreas do conhecimento (Medicina, Antropologia, Pedagogia) produziram mudanças significativas na forma de pensar e de agir em relação à criança pequena. Considerando que as teorias científicas são construídas a partir de certas condições de possibilidades (políticas, econômicas e/ou sociais) que vão favorecer sua difusão. Com o passar do tempo essas teorias vão se modificando e o importante é reconhecê-las como verdades definitivas.” (CRAIDY, 2001, p.86)

Wallon¹ aborda o desenvolvimento infantil de forma bastante abrangente cujo interesse central é entender o desenvolvimento da pessoa não apenas no âmbito afetivo ou intelectual, mas em todo o conjunto, ou seja, ele se ocupa do desenvolvimento nos campos afetivo, cognitivo e motor. Para ele “o desenvolvimento tem uma dinâmica e um ritmo próprios, resultantes da atuação de princípios funcionais que agem como uma espécie de leis constantes” (GALVÃO, 2001, p.41). Ou seja, baseiam-se nos princípios de fatores orgânicos e sociais e no ritmo do desenvolvimento.

¹ Henri Wallon nasceu na França em 1879, se formou em filosofia, medicina e psicologia, sempre demonstrando uma grande inclinação para educação. Morreu em 1962 aos 83 anos de idade.

Os fatores orgânicos são os que se ocupam da sequência fixa que ocorre entre as diversas fases do desenvolvimento, porém não garantem a homogeneidade no seu tempo de duração. Cada estágio e idade correspondente variam de acordo com cada indivíduo. Os fatores sociais correspondem à influência que o meio social exerce de forma decisiva, sobretudo, no tocante à aquisição de condutas psicológicas superiores, a exemplo da inteligência simbólica. São a cultura e a linguagem que resultam na evolução e conseqüente amadurecimento do pensamento.

O ritmo do desenvolvimento é descontínuo, uma vez que sofre rupturas, influências, retrocessos e reviravoltas.

A cada mudança interfere profundamente no estágio anterior. A passagem de um a outro estágio não é uma simples ampliação, mas uma reformulação”. O que podemos concluir é que o desenvolvimento infantil é marcado por conflitos de natureza diversa, porém para Wallon estes conflitos não devem ser encarados apenas como fatores negativos, eles constituem-se na base do desenvolvimento. Ele classifica o comportamento humano como “uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva”. (GALVÃO, 2001, p.43).

Abordaremos alguns dos pontos mais relevantes das teorias dos teóricos supracitados de forma a mantermos um paralelo entre os principais aspectos definidos por estes.

Para Wallon, o desenvolvimento da criança ocorre por meio de quatro estágios que se complementam. Estágio impulsivo-emocional (1º ano de vida) – nesta fase predomina nas crianças relações emocionais com o ambiente, trata-se da fase de construção do sujeito, onde a atividade cognitiva se acha indiferenciada da afetiva e é nessa fase em que são desenvolvidas as condições sensório-motoras que permitirão ao segundo ano de vida intensificar a exploração sistemática do ambiente.

Estágio sensório-motor (de um a três anos) – esta fase é marcada pela intensa exploração do mundo físico predominando as relações cognitivas com o meio. A criança desenvolve a inteligência prática e a capacidade de simbolizar, sem a necessidade de visualizar o objeto ou a situação a qual estamos nos referindo.

Personalismo (três aos seis anos) – fase em que se dá a consciência de si, com predomínio das relações afetivas. Há mistura afetiva e pessoal que refaz no plano do pensamento a diferenciação preliminar entre inteligência e afetividade.

Estágio categorial (seis anos) – o interesse infantil está voltado agora para o conhecimento e para conquista do mundo exterior, em função do processo intelectual que adquiriu até então, imprimindo às suas relações com o meio e uma maior visão do aspecto cognitivo.

A cada estágio do desenvolvimento infantil há uma reformulação e não simplesmente uma adição ou reorganização de conceitos pré-estabelecidos em estágios anteriores, ocorrendo um tipo particular de interação entre o sujeito e seu ambiente, sendo assim divide-se nos seguintes estágios: Estágio impulsivo-emocional (1º ano de vida); Estágio sensório-motor (de um a três anos); Personalismo (três aos seis anos), o Estágio Categorical (seis anos) (GALVÃO, 2001, p.62).

Ao pesquisar o comportamento da criança, Piaget² levou em consideração suas fases de desenvolvimento, cuja compreensão é importante para se entender o desenvolvimento afetivo no processo de aprendizagem.

Piaget (1970) esquematiza o desenvolvimento intelectual nos seguintes estágios: sensório motor (0 a 2 anos); pré-operacional (2 a 6 anos); operações concretas (7 a 11 anos); operações formais (12 anos em diante). As idades atribuídas ao aparecimento dos estágios não são rígidas, havendo grande variação individual.

Falaremos, especificamente, dos dois primeiros estágios que ocorre de 0 a 6 anos:

1. Inteligência Sensório-motora (1º estágio) - Esse estágio vai do nascimento até depois dos 18 meses, a criança percebe o essencial e age sobre ele. Piaget enfatiza a importância da estimulação ambiental como essencial ao desenvolvimento. Sendo importante que o bebê desde os primeiros dias de vida receba estimulação visual, auditiva, tátil, e que tenha uma variedade de objetivos para manipular, de possibilidades para se movimentar; brinquedos especiais para sacudir, chupar, etc. Durante este estágio também denominado de primeira infância, o comportamento é basicamente motor. A criança ainda não representa eventos internamente e não “pensa” conceitualmente; apesar disso, o desenvolvimento “cognitivo” é constatado à medida que os esquemas são construídos.

Inteligência Intuitiva ou Pré-operacional (2º estágio) - O principal progresso desse período (que vai dos 2 anos aos 6 anos), em relação ao sensório-motor, é o desenvolvimento da capacidade simbólica. A criança começa a usar palavras, que representam objetos que não estão presentes. Este estágio também denominado de segunda infância é caracterizado pelo desenvolvimento da linguagem e outras formas de representação e pelo rápido desenvolvimento conceitual. O raciocínio, neste estágio, é pré-lógico ou simbólico.

² Jean Piaget nasceu na Suíça em 1896, ele se formou primeiramente em biologia mais tarde se formando em psicologia e se dedicou a área da epistemologia. Morreu em Genebra em 1980 aos 84 anos de idade.

Operatório-Concreto (3º estágio) – Nessa fase a criança já é capaz de relacionar diferentes aspectos e abstrair dados da realidade. Não se limita a uma representação imediata, mas ainda depende do mundo concreto para chegar à abstração. Desenvolve também a capacidade de refazer um trajeto mental, voltando ao ponto inicial de uma situação.

Lógico-Formal (4º estágio) – A representação agora permite a abstração total. A criança não se limita a representação imediata nem somente as relações previamente existentes, mas é capaz de pensar em todas as relações possíveis logicamente.

Já para Freud e seus adeptos, aspectos extremamente significativos de nosso desenvolvimento pessoal e emocional são determinados durante os primeiros sete anos de nossa vida. Práticas inadequadas de educação das crianças resultarão em prejuízo para seu ajustamento quando adultos. A personalidade adulta é grandemente afetada pelas experiências emocionais da infância ou, em outras palavras, pela qualidade da interação entre a criança e os adultos significativos para ela. Por isso, é de grande importância a escola auxiliar não só no processo de absorção de conhecimentos intelectuais, mas proporcionar o desenvolvimento afetivo entre os envolvidos. E neste contexto cabe citar o trabalho de (SALTINI, 1997, p. 15) que enfatiza: “As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de cores”.

A concepção de criança é uma noção historicamente construída e conseqüentemente vem mudando ao longo dos tempos, não se apresentando de forma homogênea nem mesmo no interior de uma mesma sociedade e época. Assim, é possível que, por exemplo, em uma mesma cidade existam diferentes maneiras de se considerar as crianças pequenas. Dependendo da classe social a qual pertencem, do grupo étnico do qual fazem parte. Boa parte das crianças pequenas brasileiras enfrentam um cotidiano bastante adverso que as conduz, desde muito cedo a precárias condições de vida e ao trabalho infantil, ao abuso e exploração por parte de adultos. Outras crianças são protegidas de todas as maneiras, recebendo de suas famílias e da sociedade em geral todos os cuidados necessários ao seu desenvolvimento.

“As crianças possuem uma natureza singular que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhes são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que presenciam e, por meio de brincadeiras, explicitam as condições de vida que estão submetidas e seus anseios e desejos. No processo de construção do conhecimento, as crianças se utilizam as mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Nessa perspectiva as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significado e ressignificação.” (BRASIL, 1998, v.1 , p.21-22).

Por isso, se faz necessário planejarmos, criarmos, e diversificarmos as atividades flexibilizando as mesmas para que sejam articulados os objetivos, promovendo assim um aprendizado significativo para as crianças respeitando sempre sua idade, sua autonomia, especificidades e a forma com a qual veem o mundo. Valorizando os conhecimentos prévios das crianças e estimulando sua participação por meio de atividades educativas lúdicas e realmente contextualizadas à natureza delas. E o brincar propicia a vivência plena de integração à ação, o pensamento e o sentimento. Tendo, portanto como ponto de partida os conhecimentos que elas possuem advindos das mais variadas experiências a que estão expostas.

“Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da educação infantil e de seus profissionais. Embora os conhecimentos derivados da psicologia, antropologia, sociologia, medicina, etc. possam ser de grande valia para desvelar o universo infantil apontando algumas características comuns de ser das crianças, elas permanecem únicas em suas individualidades e diferenças”. (BRASIL, 1998, vol. 1, p.22).

É importante se ter em conta que, embora o desenvolvimento infantil siga processos semelhantes em todas as crianças, obedece a ritmos e modos individuais peculiares a cada uma delas.

O desenvolvimento psicológico ocorre através das interações estabelecidas entre a criança e seu meio físico e social. Nesta interação ela ativamente modifica seu ambiente e é por ele modificado. A interação com outras pessoas, adultos e crianças, exerce um papel preponderante no desenvolvimento infantil e na construção do conhecimento sendo mais efetiva quando se dá de forma lúdica e afetiva, e, portanto, prazerosa. O desenvolvimento afetivo e a identidade também se constroem na interação com os outros, sendo a primeira infância momento fundamental neste processo.

Baseado no RCNEI (1998) podemos dizer que, as particularidades desta etapa de desenvolvimento exigem que a educação infantil cumpra suas funções complementares e indissociáveis: cuidar e educar, complementando os cuidados e a educação realizada na família ou no círculo da família. A educação nesta fase visa, de forma integrada favorecer o desenvolvimento infantil nos aspectos físico, motor, emocional, intelectual e social; promover a ampliação das experiências e dos conhecimentos infantis, estimulando o interesse da criança pequena pelo processo de transformação da natureza e pela dinâmica da vida social, e, contribuir para que sua interação e convivência na sociedade seja produtiva e marcada pelos valores de solidariedade, liberdade, cooperação e respeito.

Em face do exposto, ressaltamos que a educação infantil pode ter um significado particularmente importante, quando se fundamenta numa concepção de criança como cidadã, como pessoa em processo de desenvolvimento, como sujeito ativo da construção do seu conhecimento. O trabalho em educação infantil não deve enfatizar nem os aspectos do desenvolvimento da criança, no sentido de reduzir suas oportunidades e experiências meramente ao processo de socialização e especialização de aptidões, hábitos e habilidades psicomotoras, nem tampouco em uma visão de treinamento, de preparação para uma suposta e equivocada prontidão para alfabetização e o cálculo, mas ao prever atividades de aprendizagem é fundamental considerar o seu ritmo e a sua diversidade sociocultural, criando condições de intervenção educativa intencional que possam garantir o desenvolvimento pleno das capacidades afetivas, emocionais, de relações interpessoais, cognitivas, éticas e estéticas da criança de 0 a 6 anos.

Ao refletirmos sobre nossa práxis pedagógica, precisamos dizer sim a um paradigma proposto pela resolução CEED N° 5/2009: “... Onde a criança é vista como cidadão, devendo sua educação ter a mesma importância e qualidade que se pretende das demais etapas da educação básica”.

CAPITULO II – A DIMENSÃO AFETIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Enquanto a sociedade feliz não chega, que haja pelo menos fragmentos de futuro em que a alegria é servida com sacramento, para que as crianças aprendam que o mundo pode ser diferente. Que a escola, ela mesma, seja um fragmento de futuro (Rubem Alves).

A educação infantil constitui-se na primeira etapa da educação básica, concepção assegurada na lei maior da educação do país, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9.394/96), sancionada em 20 de dezembro de 1996. O direito das crianças de 0 a 5 anos à educação em creches e pré-escolas já estava assegurado na Constituição de 1988 e foi reafirmado no Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990. A tradução deste direito em políticas públicas no âmbito nacional representa um marco histórico de grande importância para a educação infantil em nosso país. Está expresso no Art. 29 (Lei 9394/96), que a educação infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. “A escola tem o papel de fazer a criança avançar em sua compreensão do mundo a partir de seu desenvolvimento já consolidado e tendo como meta etapas posteriores, ainda não alcançadas” (SOUZA, 1996).

É nessa fase, também que a criança adquire a noção de autonomia e independência em atividades do dia a dia. A educação infantil ganha cada dia mais espaço e isso tem contribuído no desenvolvimento e crescimento cognitivo da criança, e é justamente a construção da identidade e da autonomia que devem nortear todas as ações da educação infantil, segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998). Este sugere que os conteúdos e atividades ministradas nas creches e pré-escolas tenham relação com o cotidiano da criança. De acordo com Saltini, (1997, p.91) “é preciso atenção, também, que na idade pré-escolar, assim como na primeira infância, os sentimentos imperam em todos os aspectos da vida infantil, dando cor e expressividade a essa vida”.

A finalidade da educação infantil é o cuidar, indissociável ao educar (MACÊDO 2005). É interessante ressaltar a necessidade de as instituições de educação infantil adotar

como princípio a indissociabilidade destas duas ações. Essas novas funções para a educação infantil devem estar associadas a padrões de qualidade com concepções de desenvolvimento que consideram as crianças nos seus contextos sociais, ambientais e culturais, e tudo isso em prol da construção de uma identidade autônoma.

“Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso pelas crianças aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural.” (BRASIL, 1998, vol.1 p.23).

Neste processo, a educação auxiliará no desenvolvimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, contribuindo assim para a formação de crianças felizes e saudáveis. A educação infantil passou a ser obrigatória, a partir dos 4 anos de idade (Emenda 59/2009), antes de ser uma obrigação é mas um direito a que o Estado tem a obrigação de atender. A Constituição Federal de 1988 constituiu-se em um marco decisivo na afirmação dos direitos da criança.

A criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico; pertence a uma família, que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca, o que lhe confere a condição de ser humano único, de indivíduo. A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições (BRASIL, 1998, vol.1, p.21).

Sendo assim, partindo dessa concepção de educação infantil, como uma prática social que tem como função o educar e o cuidar, é importante esclarecer que a afetividade é uma dimensão que precisa ser considerada nas práticas pedagógicas na educação infantil. A criança não tem apenas que aprender a ler e a escrever, ela precisa ser acolhida, ser vista e compreendida no momento em que expressa suas emoções, que são uma forma de comunicação humana, primária fundamental.

Nesta perspectiva, é preciso que o professor de educação infantil possa ajudar a criança a identificar suas necessidades e priorizá-las, atendendo-as de forma adequada. Assim, cuidar da criança é sobretudo dar atenção a ela como pessoa que está num contínuo crescimento e desenvolvimento, compreendendo, identificando e respondendo as suas

necessidades. “Polêmicas sobre cuidar e educar, sobre o papel do afeto na relação pedagógica e sobre educar para o desenvolvimento ou para o conhecimento têm constituído, portanto, o panorama de fundo sobre o qual se constroem as propostas em educação infantil.” (BRASIL, 1998, vol.1, p.18). A maioria das tarefas nas instituições de educação infantil exigem que a criança fique sentada, parada, com atenção em uma única direção. E nessas relações vividas em sala de aula costuma surgir hostilidade da criança em relação ao professor, tanto pela falta de êxito dela própria, pela severidade do professor, por motivos pessoais oriundos da família, quanto por problemas afetivos de origem psíquica, mais secreta da criança.

Determinada conduta em relação ao professor pode ocorrer ainda em função dos seus colegas, para chamar a atenção, por vaidade, por sentimento de inferioridade ou simplesmente pelo desejo de os cortejar. "Não se pode explicar uma conduta isolando-a do meio em que ela se desenvolve. Com os diferentes meios de que faz parte, a conduta do indivíduo pode mudar". (WALLON, 1986,apud SILVA, 1999, p.26)

Sempre nos pareceu que a educação se faz com duas mãos: a mão que dá o aconchego, o prazer, o amor e a outra que frustra, desafia, impõe e limita. Se exageramos em qualquer uma das mãos estamos errando na educação que propomos fazer. Por isso não podemos frustrar ou acalentar em demasia uma criança.

Desde cedo fomos "educados" a disfarçar e não expressar nossas emoções, sentimentos. A qualidade da vida humana perdeu muito com isso, pois as emoções dão um colorido especial ao nosso mundo. Esta posição levou o homem a um estado de desequilíbrio, fazendo com que o homem contemporâneo perca muita de sua sensibilidade tornando-se frio e calculista, incapaz de comover-se, de sentir compaixão, de deixar de sair de si os estados emocionais, sentimentos que formam a afetividade.

Entendemos por afetividade a compreensão do estado de ânimo ou humor, os sentimentos, as emoções e as paixões.

“É a afetividade quem determina a atitude geral da pessoa diante de qualquer experiência vivencial, promove os impulsos motivadores e inibidores, perceber os fatos de maneira agradável ou sofrível, confere uma disposição indiferente ou entusiasmada e determina sentimentos que oscilam entre dois polos, a depressão e a euforia" (WALLON apud DANTAS, 1992, p.82).

Para Wallon (apud DANTAS, 1992, p.88), "A afetividade é componente permanente da ação e se deve entender como emocional também um estado de serenidade".

De acordo com PIAGET (1983, p.226) "A afetividade é caracterizada por suas composições energéticas, com cargas distribuídas sobre um objeto ou outro, segundo as

ligações positivas ou negativas, o que caracteriza, pelo contrário, o aspecto cognitivo das condutas e a sua estrutura".

Podemos dizer que o processo de conhecer a si mesmo e ao outro está interligado e nessa relação está a importância da afetividade e as implicações no processo de desenvolvimento global da criança. Falar de afetividade é de certa forma, tratar da essência da vida humana, social por natureza.

Algumas crianças enfrentam sérias dificuldades em seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Não lhes é fácil abstrair e generalizar, elas sofrem inúmeros medos, perdas e problemas de relacionamento com outras crianças, adultos e os próprios pais. É prudente não se concluir que todas as crianças com problemas de aprendizagem escolar são crianças difíceis ou anormais. Mas alguns alunos apresentam tais problemas devido a desajustes emocionais e familiares.

Os padrões de comportamento na infância constituem a dotação original a partir do qual se desenvolvem os estados mentais, sendo posteriormente interiorizados, seja uma fantasia, uma emoção ou um sentimento.

A afetividade direta ou indiretamente, exerce profunda influência sobre o pensamento e toda a conduta do indivíduo assumindo, assim um lugar importante no desenvolvimento humano. Os estados emocionais e sentimentos formam a afetividade, um dos aspectos do comportamento humano. Essa relação afetiva que a criança tem com a mãe ou outras pessoas, é um dos aspectos da subjetividade humana, relevante no processo de desenvolvimento cognitivo e da pessoa na sua totalidade, se manifesta através dos desejos, sonhos, fantasias, palavras, gestos, ações e pensamentos, dando-lhe sentido e significado. A vida cotidiana, o ambiente familiar, social e escolar, pode ensinar as crianças a serem afetuosas, amorosas ou frias, autossuficientes, distantes, a terem autoconfiança, ou a serem tímidas, retraídas e desconfiadas.

“é incontestável que o afeto desempenhe um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação e conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência. A afetividade é uma condição necessária na constituição da inteligência”. (PIAGET 1974, p.92)

Temos que perceber as crianças como pessoa total, que além do aspecto cognitivo tem um emocional para ser explorado e desenvolvido. Porém, diante de nossa realidade educacional, que prima pela quantidade, separamos, fragmentamos, na tentativa de atingir objetivos. Nos preocupamos com o repasse de conteúdos e esquecemos do "eu" interior tão

fundamental na formação do ser humano. Assim, o amor, carinho, respeito e atenção passam, então, a ser secundários na construção do conhecimento.

“[...] esse educador colocou a afetividade no centro do desenvolvimento intelectual, que para ele é contínuo e constitui-se dos aspectos: cognitivo, afetivo e social. Seus primeiros trabalhos já afirmavam a importância do afeto no desenvolvimento intelectual. Vemos, portanto que: tanto a inteligência como a afetividade são mecanismos de adaptação. Permite ao indivíduo construir noções conferindo-lhe atributos e valores” (WALLON, apud DANTAS, 1992, p.48).

A adaptação ao ambiente escolar, principalmente no início da escolarização, pode ser motivo de muitas angústias e geradora de insegurança por parte dos indivíduos envolvidos nesse processo, que se veem obrigados a corresponder às exigências tanto dos pais quanto dos educadores.

2.1 As Emoções Como Uma Forma de Comunicação Humana

Desde os primórdios a comunicação humana está ligada às possibilidades e necessidades de existência. A criança utiliza gestos de expressão que visam à satisfação das necessidades que necessitam ser supridas. Faz parte então da evolução humana a perspectiva da ajuda mútua para a subsistência.

É fundamental ressaltar o papel da emoção na teoria de Wallon (1995) e, mais especificamente, no entendimento do desenvolvimento da comunicação humana infantil. Para este autor, a emoção encontra-se na origem da consciência, operando a passagem do mundo orgânico para o social, do plano fisiológico para o psíquico. Ou seja, é através das emoções, que o ser humano inicia o processo de comunicação e reconhecimento do meio físico e social. A sua interação, através do choro, do riso, da mímica facial, demonstrando satisfação ou insatisfação, é decisiva para o prenúncio da consciência, é nessa troca que ele vai compreendendo que ao chorar é atendido, por exemplo.

É importante diferenciar emoção de afetividade. A emoção é uma manifestação da vida afetiva, assim como os desejos e sentimentos, porém afetividade é um conceito mais abrangente. As emoções são sempre acompanhadas de alterações orgânicas como aceleração dos batimentos cardíacos, da respiração, dificuldades digestivas, etc. Provocam alterações na mímica facial, na postura, na forma como os gestos são executados. Wallon (1995) defende

que as emoções são reações organizadas e reguladas pelo sistema nervoso central, situado na região sub-cortical.

A emoção, na perspectiva walloniana é o comportamento predominante quando do nascimento do bebê, por isso, as reações emotivas são frequentes no comportamento infantil, são subordinadas ao controle das funções psíquicas superiores. As emoções promovem uma ação no meio humano. Gritos, choros, gestos que são as primeiras expressões das crianças, são intencionais, deliberadas visam afetar e contagiar os adultos constituindo uma comunicação que vai se intensificando, progressivamente e esta é baseada em componentes corporais e expressivos. “A manifestação das crianças através de movimentos é interpretada como indisciplina e desatenção, ou seja, desagregadora. Em virtude disso, os professores procuram extinguir tais manifestações”. (MACÊDO, 2002, p. 47)

Portanto, o movimento é importante, pois pode ser fruto de emoções, como euforia, alegria, o que os levam a se movimentar, a excitação motora quer dizer, demonstrar o estado sentimental da criança, no entanto nem sempre os professores compreendem isto e exigem, de forma autoritária, uma postura estática, imóvel, das crianças.

[...] Tal postura do professor tem implicações sérias no desenvolvimento integral das crianças, sobretudo no que se refere a cognição, pois a criança antes de expressar modos de inteligência através da fala os expressa através do corpo, dos atos, ou seja, do ponto de vista do desenvolvimento, a fala e o pensamento precedem o movimento, a expressão corporal (MACÊDO, 2002, p. 25)

A falta de conhecimento sobre as bases fisiológicas e sociais da emoção faz com que o professor seja incapaz de administrar as emoções na sala de aula, pois na educação infantil, as crianças chegarão se expressando mais por meio do choro, da raiva, mas cabe ao professor, parceiro mais experiente e que conhece como ocorre o desenvolvimento infantil, intervir, compreender as emoções e sentimentos das crianças, mas ajudá-las a se utilizarem de outras formas, a exemplo da fala. Em resumo, os educadores precisam aprender a lidar com as expressões emocionais das crianças, permitindo assim que a emoção se exprima de forma dosada para que flua também a inteligência, não inibindo, através do medo e da raiva a atividade cognitiva.

Emoção e sentimento são diferentes, a emoção é física, apresenta-se por meio do corpo, de gestos e necessita do outro ser para permanecer. Já o sentimento é psicológico e isso o faz mais duradouro. São formas de manifestações emocionais, o choro, o riso, e a contração muscular. Segundo Macêdo (2002, p. 52) “O ser humano é completo e onde quer que esteja

está presente em toda sua dimensão afetiva e cognitiva e a escola não deve privilegiar uma dimensão em detrimento da outra, pelo contrário, precisa colocar a inteligência a serviço da afetividade e vice e versa”. A infância é a fase emocional por excelência, ou seja, é a fase onde as emoções se expressam mais frequentemente, certamente, caso não ocorra uma intervenção competente por parte dos professores marcarão os níveis de desempenho escolar das crianças.

Enfim, fica evidente a importância que tem para nós, educadores, o conhecimento da afetividade para o melhor desenvolvimento da aprendizagem do aluno e, conseqüentemente para uma melhor relação criança e professor. Na educação infantil é imprescindível a reflexão sobre esta linguagem primitiva humana, no sentido de ajudar as crianças a expressarem seus desejos e sentimentos através das mesmas, mas por outro lado, no sentido de intervir, sempre que possível, para que elas avancem e passem a se comunicar, a expressar-se, através de outras linguagens. Nesta perspectiva, é importante não naturalizar nem tampouco estigmatizar o choro, o riso, a raiva, a cólera da criança é preciso compreendê-la para melhor intervir e atender as necessidades e singularidades das crianças.

2.2 A Docência na Educação Infantil

Embora não existam informações abrangentes sobre os profissionais que atuam diariamente com as crianças nas creches e pré-escolas do país, vários estudos têm mostrado que muitos destes profissionais ainda não têm formação adequada, recebem remuneração baixa e trabalham sob condições bastante precárias. Se na pré-escola, constata-se, ainda hoje, uma pequena parcela de profissionais sem formação escolar mínima cuja denominação é variada: berçarista, auxiliar de desenvolvimento infantil, babá, pajem, monitor, recreacionista, etc.

“O educador do século XXI deve preocupar-se em estabelecer relações cooperativas e afetivas com os educandos. Tendo consciência de seu papel de facilitador da aprendizagem e formador de cidadãos, abrindo mão da postura tradicional para o construtivismo, priorizando relações que estimulem o prazer para aprender e a criatividade nos alunos, fazendo-os exercer já na escola sua participação cidadã” (CABRAL, 2007, p.34).

O professor é um espelho para seus alunos, e para desempenhar bem a sua função ele precisa de uma boa formação. Wallon, (1995, p.32) “A formação psicológica dos professores não pode ficar limitada aos livros. Deve ser referência perpétua nas experiências pedagógicas que eles próprios podem pessoalmente realizar”.

Freire (1996), diz que o professor precisa estar aberto ao gosto de querer bem. Isso não quer dizer que o professor tenha de querer bem a todos os alunos da mesma forma, mas que ele não deve permitir que sua afetividade interfira no cumprimento do seu dever de educador. Abertura ao querer bem significa disponibilidade para alegria, para o afeto, para o amor.

A atual realidade escolar brasileira torna questionável, hoje, a afirmação de que a formação adequada do professor e sua atuação junto as crianças e suas famílias são fatores determinantes do padrão do atendimento em qualquer segmento educacional. Todas as crianças e, no caso da educação infantil, mais ainda, precisam de profissionais qualificados, reconhecidos socialmente e gozando de condições de trabalho e remuneração condigna, de maneira a garantirem situações de aprendizagens eficazes e enriquecedoras.

Porém, a ausência de um sistema de formação inicial de educadores de creche, por um lado, resultando da origem custodial dessa instituição, e a marca da tradição escolar na formação infantil, por outro, colocam um ingrediente importante a ser identificado na elaboração de políticas de formação para esse nível educacional.

Nessa perspectiva, se na educação infantil as questões relativas a outros graus de ensino são convergentes a médio e em longo prazo – necessidade e reestruturação e revisão dos conteúdos e da organização institucional de agências formadoras do profissional repensar um perfil do professor que esteja de acordo com as novas orientações de cunho pedagógico e legais colocam-se como desafio urgente. Isto porque, reafirmando os preceitos legais, os sistemas de ensino deverão promover a valorização dos profissionais que atuam em creches e pré-escolas, no que diz respeito a formação profissional, às condições de trabalho, ao plano de carreira e a remuneração condigna (conforme artigos 67,69 e 70 da LDB), devendo garantir que os que não possuem escolaridade mínima exigida por lei possam concluí-la, em serviço, complementando a formação específica para o exercício profissional.

Por isso, quando pensamos no perfil do profissional de educação infantil que queremos, é preciso antes caracterizar os objetivos que desejamos alcançar com as crianças. Parece mais ou menos obvio que, se queremos apenas garantir um lugar seguro e limpo onde as crianças passem o dia, o profissional deverá apresentar características apropriadas para essa finalidade: estar disposto a limpar, cuidar, alimentar e evitar riscos de quedas e machucados, controlando e contendo um certo número de crianças.

Portanto, todos os docentes da educação infantil devem ser formados em cursos de nível superior (licenciatura Graduação Plena), admitida, como formação mínima, a oferecida em nível médio, modalidade normal, conforme artigo 62 da LDB. Reiterando o documento

Subsídios para Credenciamento e Funcionamento de Instituições de Educação Infantil, “é oportuno salientar aqui a existência de planos de carreira, obrigatórios na forma de lei já exigidos pela Constituição de 1988 (artigo 206IV), os quais incluem os professores da educação infantil. Neste sentido, a resolução CNE nº 03, de 13/10/97, que fixa diretrizes para os nossos planos de carreira e remuneração para o magistério dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, constitui referência para igual tratamento no âmbito da educação infantil”.

O perfil do novo profissional deve incluir, portanto, as exigências legais da nossa LDB, assim como as atuais reflexões em torno do papel do adulto na educação da criança pequena, a nossa concepção de creche e pré-escola, que lhes confere caráter educativo, as exigências sociais do mundo contemporâneo em constante mutação e a função da escola neste novo contexto.

Assim, torna-se imprescindível estabelecer princípios norteadores, critérios objetivos, orientações precisas e condições que viabilizem a adequada formação dos professores que atuam ou venham a atuar na faixa etária de zero a seis anos, com vistas a construir gradativamente esse novo perfil.

O novo professor de educação infantil deverá, nessa medida, ser um profissional reflexivo, em constante formação pessoal e acadêmica, aberto a mudanças e atento as diversidades e pluralidade das crianças com as quais trabalha, de maneira a oferecer-lhes um atendimento de qualidade. Algumas competências desse novo professor podem ser indicadas como pistas, de forma a facilitar sua identificação entre aqueles profissionais presentes nas redes de ensino ou para garantir condições de formação em serviço para aqueles que visem à melhoria de sua atuação profissional.

O bom profissional da educação infantil deve atuar de uma forma que vise estabelecer na sua prática com o objetivo de proporcionar o desenvolvimento integral da criança.

Como afirma Campos (1999), apud VIEIRA, p.36.

“Se torna muito importante reconhecer quais são os objetivos que se deseja alcançar com a criança, pois eles orientarão as ações: se são os objetivos de cuidar e educar, a formação de seus profissionais deve também assegurar essas facetas, aliando as questões pedagógicas com as questões ligadas à higiene, alimentação e cuidados em geral (...) e ambas se relacionam às dimensões afetivas, ética e estética da prática educativa”.

Os professores precisam proporcionar as crianças acolhimento e inserção gradual na creche, respeitando as necessidades das mesmas, suas individualidades e identidades, para poder integrar a educação ao cuidado, pois ainda são muito vulneráveis. No ambiente

educativo da creche as crianças precisam adquirir experiências ricas de afeto com relações cada vez mais positivas e desafiadoras, de fantasias e encantamentos e o professor é o grande e principal responsável em propor tudo isso de forma lúdica.

A nossa perspectiva é coerente com a moderna noção de “cuidado” que tem sido usada para incluir todas as atividades ligadas à proteção, consolar, enfim, “cuidar”, todas fazendo parte integrante do que chamamos “educar”. Uma psicóloga norte-americana Bettye Caldwell cunhou a inspirada expressão “educare”, que funde, no inglês, as palavras educar e cuidar. (ROSEMBERG, 1994).

Esta concepção torna mais fácil a superação da dicotomia entre o que se costuma chamar de “assistência” e educação. Com efeito, não só todos esses aspectos são recuperados e reintegrados aos objetivos educacionais, como também deixam de ser considerados como exclusivamente necessários à parcela mais pobre da população infantil, e de ser contemplados somente para crianças menores de 2 ou 3 anos de idade. Todas as crianças possuem estas necessidades e, se todas têm o direito à educação, qualquer instituição que as atenda deve leva-las em conta ao definir seus objetivos e seu currículo.

De acordo com o RCNEI, (vol. 1, 1998, p. 41), o trabalho direto com crianças pequenas exige que o professor tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que ao professor cabe trabalhar com conteúdo de natureza diversa que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla do profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e sua prática, e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve. São instrumentos essenciais para a reflexão sobre a prática direta com as crianças, a observação o registro o planejamento e a avaliação.

A implementação e/ou a implantação de uma proposta curricular de qualidade depende, principalmente dos professores que trabalham nas instituições. Por meio de suas ações, que devem ser planejadas e compartilhadas com seus pares e outros profissionais da instituição, podem-se construir projetos educativos de qualidade junto aos familiares e às crianças. A ideia que preside a construção de um projeto educativo é a de que se trata de um processo sempre inacabado, provisório e historicamente contextualizado que demanda reflexão e debates constantes com todas as pessoas envolvidas e interessadas.

Para que os projetos educativos, das instituições possam, de fato, representar esse diálogo constante, é preciso ter professores que estejam comprometidos com a prática educacional, capazes de responder às demandas familiares e das crianças, assim como às questões específicas relativas aos cuidados e aprendizagens infantis. Tudo o que diz respeito ao aluno deve ser de interesse do educador, porque ensinar é mais do que passar informações, mas sim, é compartilhar objetivos, tarefas, significados e conhecimentos.

Nos dias de hoje, faz-se imprescindível que o próprio educador reconheça seu papel mediador. Que sua prática está estreitamente relacionada ao modo como os alunos se envolvem com o mesmo e do ponto de vista do educador diante de seus discentes, ao reconhecê-los e atribuir a cada um o valor devido.

“O professor precisa ter o conhecimento do valor da interação professor – aluno para não se posicionar como dono do saber, mas ser capaz de compreender a sala de aula como o espaço de relações sociais e afetivas, humanizando o ato de aprender”. (KULLOK, 2002, p.16).

CAPÍTULO III - A AFETIVIDADE COMO UMA DIMENSÃO FUNDAMENTAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

3.1 Percurso Metodológico e Contextualização da Pesquisa

O presente estudo constitui-se de uma pesquisa de cunho qualitativo. Adotamos como técnica de investigação a entrevista semiestruturada.

“A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo e o objetivo e a subjetividade do sujeito. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações” (CHIZOTTI, 2001, p 79).

As professoras participantes da pesquisa responderam a um questionário sócio acadêmico profissional. O roteiro da entrevista foi elaborado com 4 questões abertas, as quais foram gravadas e transcritas, na íntegra. O objetivo da entrevista constituiu-se em conhecer as concepções sobre afetividade e a importância da mesma na educação infantil, os conceitos de emoção, as diferenças entre emoção e sentimento e a presença do afeto e da emoção na sala de aula e sua influência na aprendizagem. Desta forma, procuramos conhecer o que pensam e sabem algumas professoras de educação infantil da Rede Municipal de Ensino de Campina Grande sobre a importância da afetividade no trabalho com crianças pequenas.

“Sobre a entrevista: a grande vantagem [...] é que permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Do mesmo modo, a entrevista semiestruturada, desenrola-se por meio de um esquema básico, não aplicado de forma rígida, possibilitando que o entrevistador faça as adaptações que se fizerem necessárias”. (MENGA, L e ANDRÉ, M., 1986, p.26).

Entrevistamos 6 professoras que possuem idade entre 30 e 50 anos. O tempo de serviço é variável, de 8 até 23 anos de profissão. Todas afirmaram que gostam da profissão e do zelo pela aprendizagem e dedicação ao desenvolvimento integral das crianças. Quanto à formação das professoras quatro possuem pedagogia e especialização e duas delas fizeram licenciatura em pedagogia, cinco são efetivas e uma contratada temporariamente e todas relatam insatisfação com a profissão por motivos de desvalorização e questões salariais. Para análise e discussão dos dados nos utilizamos da análise de conteúdo (BARDIN, 1977).

Elegemos como critério para a escolha dos participantes das entrevistas: contemplar as três faixas de atendimento: berçário, maternal e pré-escola, neste caso, entrevistamos 2 professores que trabalham com berçários (B1 e B2) com crianças de 4 meses a 1 ano e 11

meses; 2 que trabalham com maternal (M1 e M2) com crianças de 2 anos a 3 anos e 11 meses; 2 que trabalham com pré-escolar (P1 e P2) com crianças de 4 anos a 5 anos e 11 meses.

Todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam. Pressupõem-se, pois, que elas tenham um conhecimento prático, de senso comum e representações relativamente elaboradas que formam uma concepção de vida orientam as suas ações individuais. (CHIZOTTI, 2001, p. 83)

3.2 Caracterização da área de estudo

As entrevistas foram realizadas com 6 professoras que trabalham com educação infantil nas creches da rede municipal de Campina Grande. Creches que antes eram totalmente assistencialistas pois só se matriculavam aquelas crianças cujas mães trabalhassem fora de casa e delas era exigido, como requisito para conquistar vaga nessas instituições uma declaração de trabalho. Atualmente, matriculam-se todas as crianças de 0 a 5 anos de idade e a função da creche e pré-escola é o cuidar e o educar.

Atualmente o município tem um número de 25 creches atendendo 6695 crianças de 0 a 5 anos de idade. Dessas 25 unidades, apenas 8 possuem berçário que atendem crianças de 4 meses até 1 ano e 11 meses. Quanto ao atendimento, a partir de 2014 está sendo em período integral até 4 anos. As crianças de 5 anos permanecem nas instituições só meio turno, manhã ou tarde.

3.3 Análise e Discussão dos Dados Produzidos

Inicialmente, faremos uma breve análise do perfil das professoras entrevistadas.

Dos professores entrevistados 100% são do sexo feminino, o que já era esperado, pois nessa fase de ensino, raramente encontramos professores do sexo masculino. Isto é algo estruturado socialmente. Ser professora de educação infantil, de creche não tem valor social, porque as representações sobre esta profissão são sempre as de que basta ser mulher, mãe, portanto, possuem aptidões inatas para cuidarem de crianças pequenas. (CERISARA, 2002)

Ademais, o fato de não ser uma profissão valorizada socialmente significa baixos salários e uma carreira com baixas expectativas cujas profissionais, em geral, são pessoas mais maduras, de meia idade, os dados demonstram isto, 66,7% está na faixa etária entre 40 e 50 anos e 33,3% encontram-se na faixa etária de 30 a 40 anos. Ou seja, até mesmo as

mulheres jovens não querem mais ser professoras da educação infantil. Está na profissão quem não tem mais tantas expectativas profissionais.

Quanto à formação profissional 50% já são especialistas em Educação, 33,3% estão cursando o ensino superior, sendo que 16,7% estão em licenciatura em Pedagogia habilitação em educação infantil e 16,7% estão cursando serviço social. 16,7% possui ensino médio em modalidade normal ou logos. Em relação ao tempo de serviço na educação infantil: 33,3% tem entre 5 e 10 anos, 50% entre 10 e 20 anos e 16,7% com mais de 20 anos de exercício na educação infantil. Os dados em relação à formação já nos indicam que estas professoras tem expectativas em relação a carreira, estão investindo nos estudos, inclusive, a grande maioria 83% são efetivas e apenas 16,7% são contratadas e, por fim, 66,7% se declararam satisfeitas com a profissão, enquanto 16,7 ficaram sem responder, indecisas e 16,7 se colocaram como insatisfeitas.

As condições de trabalho, pelo fato de a maioria ser efetiva, não podem ser consideradas tão precárias, embora percebamos que uma minoria, 16,7%, apesar de estar atuando como professoras, não estão cursando pedagogia, mas sim serviço social, isto demonstra, de certo modo, que estão sendo professoras pelas circunstâncias, mas não por escolha e que pretendem deixar de sê-lo.

No que se refere ao estado civil 33,3% se declaram como casadas, 33,3% solteiras e 33,3% divorciadas. Quanto ao número de filhos 33,3% tem 2 filhos, 16,7% tem 3 filhos, 33,3 não tem filhos e os outros 16,7% tem 1 filho. No que se refere a religião, 66,7% são católicas, 16,7% espírita e 16,7% evangélicos.

Para 50% dos professores entrevistados o desenvolvimento ocorre através de interações e brincadeiras como falam essas professoras:

A criança se desenvolve por meio de interações, nos mais variados aspectos. E nada como o brincar para solidificar suas descobertas; como afirma Rubem Alves que brincar não tem utilidade específica, mas, é instrumento de dar prazer, de equilibrar as emoções, de felicidade. [...] Acho que é através da brincadeira que a criança é motivada a realizar coisas que ainda não é capaz de fazer. Durante a brincadeira ela aprende regras de convivência, antecipando e elaborando situações que ainda não está preparada para realizar na vida real.” (P M1; P M2)

É evidente a importância do brincar para o pleno desenvolvimento das crianças, pois ao brincar elas estimulam o aspecto intelectual, afetivo, motor e social. Estimula ainda a

memória, exalta sensações emocionais como o prazer, a alegria. É também comunicação, pois a criança aprende a se expressar no mundo através de gestos e de gritos de satisfação.

[...] brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons, e, mais tarde, representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, imitação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais.” (BRASIL, 1998, vol.2, p.22).

Embora, atualmente, a importância do brincar seja amplamente reconhecida, é comum observarmos crianças, por vezes muito pequenas, com uma rotina bastante atribulada tomada por diversas atividades e compromissos.

O professor precisa compreender que o brincar com outras crianças é muito diferente de brincar somente com adultos, pois entre pares o brincar possui maior variedade de estratégias, de improviso envolvendo negociações e criatividade. A criança aprende sobre a cultura em que vive e traz novidades para a brincadeira ressignificando esses elementos culturais e aprendendo, também a compartilhar objetos e aprendizado com outras crianças.

“[...] a brincadeira é uma situação privilegiada de aprendizagem infantil onde o desenvolvimento pode alcançar níveis, mais complexos, exatamente pela possibilidade de interação entre os pares em situação imaginária e pela negociação de regras de convivência e de conteúdos temáticos”. (WAJSKOP, 2009, p.35).

O brincar, também permite que a criança se distancie do que a faz sofrer, possibilitando explorar, reviver e elaborar situações que para ela são difíceis de enfrentar. Pois, para ela a brincadeira é um meio de expressão onde a mesma é capaz de elaborar seus conflitos e demonstrar seus sentimentos, ansiedades, desejos e fantasias.

Dessa forma percebemos que o brincar é algo essencial para o desenvolvimento infantil. Uma criança que não consegue brincar deve despertar preocupação nos educadores. disponibilizar espaço e tempo para brincadeiras, portanto, significa contribuir para um desenvolvimento saudável. É importante também que esses educadores resgatem sempre sua capacidade de brincar, tornando-se, assim, mais disponíveis para as crianças enquanto parceiros e incentivadores deste item essencial para o desenvolvimento da criança.

Ao serem perguntadas sobre como compreendem as manifestações emocionais das crianças na creche, como o choro, o riso, a raiva e outras elas 66,7% veem essas emoções como uma forma de comunicação, assim citamos algumas:

“Eu compreendo que essas manifestações emocionais das crianças na creche, como choro, riso, raiva e outras são as primeiras manifestações de necessidade afetiva e elo delas com o meio, tanto biológico como social. Essas manifestações emocionais fazem parte da construção do “eu” da criança, que vai se delineando pouco a pouco. No ambiente escolar, dependendo de como o professor, o meio e os colegas afetam as crianças, seu aprendizado pode ser desenvolvido ou inibido, e a emoção transparecida por ela evidencia isso. Um lugar repressor ou em que a violência aparece de forma corriqueira gera manifestações mais agressivas. O medo por exemplo, pode inibir a aprendizagem pois a emoção impossibilita que o raciocínio atue de forma efetiva.[...] O choro, o riso, a raiva, a “birra” e etc. são formas de expressar o que sentem e/ou que querem. Percebo como emoções legítimas e inatas do ser humano, principalmente para as crianças, por estarem usando essa forma específica de comunicação em substituição, muitas vezes a oralidade”. (P B2; P M2)

É possível constatar, pelo discurso das docentes, que se dependesse delas estas crianças não experimentaríamos emoções e afetos negativos, como se isso fosse possível. Estes sentimentos e emoções são formas complexas de expressão da nossa humanidade, tanto nos aspectos positivos e negativos e que, portanto, os conflitos também fazem parte do desenvolvimento e da constituição do sujeito como pessoa completa. Wallon (1995), ao se reportar sobre a função social e a natureza das emoções, sugere que estes tomem este tema como objeto de estudo e reflexão. Pois, as emoções tem um poder de contágio e seu antagonismo à atividade intelectual são responsáveis por seu poder regressivo, isto é, por dificultar a percepção do exterior e, por consequência, do raciocínio.

A emoção, presente nos conflitos das relações sociais, faz parte do processo de constituição do sujeito. Por outro lado, sabendo que a emoção precisa de um expectador, vale refletir sobre a postura do adulto frente às manifestações de crises emocionais das crianças, considerando que na ausência de plateia as crises emocionais tendem a perder sua força. (GALVÃO, 2001, p.64)

As emoções modificam-se e evoluem no contato social, sendo que nem dá sentido às manifestações emocionais da criança é o outro. Reforçando essas afirmações, no Referencial

Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) há o destaque para que os aspectos emocionais e afetivos sejam tão relevantes quanto os cognitivos. Em decorrência disso, entende-se que devem existir vínculos estreitos entre razão e emoção para que o desenvolvimento infantil seja concretizado completamente.

“O aspecto emocional do indivíduo não tem menos importância do que os outros aspectos e é objeto de preocupação da educação nas mesmas proporções em que são a inteligência e a vontade. O amor pode vir a ser um talento tanto quanto a genialidade, quanto a descoberta do cálculo diferencial.” (VIGOTSKY, 2000, p.146).

As emoções estão presentes quando se busca conhecer, quando se estabelece relações com outros indivíduos. Essas manifestações, como choro, gritos, sorrisos, raiva, medo e, até mesmo, um olhar, podem indicar possíveis sentimentos da criança e isso inclui, expressividade e comunicação. Estes são meios que ela encontra, muitas vezes para falar com o adulto, o educador.

Desta forma, faz-se imprescindível que os profissionais da educação infantil conheçam e diferenciem as manifestações da afetividade (emoção, sentimento, afeto), para que possam intervir, de forma deliberada, em cada situação no cotidiano escolar. Os conceitos de emoção, sentimento e afetividade são inconfundíveis, pois, enquanto o sentimento é ideativo e, por conseguinte, duradouro, a emoção, pelo contrário, revela um estado fisiológico e efêmero. (WALLON apud ALMEIDA, 2001, p 52-53)

Questionadas sobre a relação com as crianças no dia-a-dia da creche/ pré-escola 100% das professoras entrevistadas dizem relacionar-se com as crianças de forma carinhosa, afetiva, passando para as crianças segurança e tranquilidade, conquistando confiança e amor recíproco.

[...] Minhas relações com as crianças são de respeito, carinho, amor, atenção onde estes acontecem naturalmente.” Professora B1[...] Trabalho com as crianças do berçário II cuja faixa etária vai de 1 ano a 2 anos! A minha relação com as crianças considero muito boa, pois tento passar afetividade, segurança, tranquilidade para as crianças. O trabalho é diariamente de estimulação e afetividade, pois as crianças ainda não falam e são totalmente dependentes dos educadores. É preciso gostar do que faz [...] Acho que é uma relação de interação afetiva; pois além de transmitir conhecimentos aos pequenos, tento não deixar de lado a relação afetiva com os mesmos, preparando-os para a vida profissional e cotidiana, repassando os valores. [...] Entre as crianças e eu há uma relação mais que estreita. Busco ouvir, ver,

mediar, interagir, contar histórias, brincar, quase que sempre; de modo espontâneo ou dirigido. (PB2; PM1; PM2)

Realmente é imprescindível o afeto nessa relação, pois a criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para o aprendizado e para melhor interagir com os outros de forma satisfatória e que lhes dê prazer. Portanto, o ato de educar tem que existir com princípios que regem a formação integral dos educandos e para isso:

"O educador precisa conhecer seus alunos, suas necessidades. É necessária sim, uma grande dose de afeto, de empatia e de segurança. Caso contrário as pessoas não falam, não se libertam... não conseguem transpor barreira nenhuma de timidez, que pode não estar presente em todo os alunos, mas em muitos deles." (KRAMER, 1999, p.90).

Assim, entendemos que a possibilidade de se estabelecer uma relação professor-aluno acontece pela capacidade do professor acolher a criança e estabelecer com ele um vínculo afetivo. O professor que tem a disponibilidade de se relacionar afetivamente com a criança amplia suas próprias potencialidades amorosas, permitindo que tanto ele quanto a criança cresçam e se humanizem nesta relação. Para Dantas (1994, p.61) "A delicada arte de amar e resistir, aprovar e colocar limites permanece assim a marca do talento do educador".

"Logo nos primeiros anos a escola já é um lugar de tormento e pressões. O meio em que a criança vive não é colocado à disposição da curiosidade e da descoberta, mas imposto autoritariamente por um programa cujos conteúdos elaborador nada têm a ver com o nível do desenvolvimento cognitivo da criança... aliás castrar é uma coisa que a educação atual sabe fazer muito bem!..." (SALTINI, 1997, p.18).

Nunca é demais ressaltar a importância fundamental de se estabelecer uma verdadeira relação entre o professor e criança, para que o processo de ensino-aprendizagem se efetue satisfatoriamente. Assim, para que essa relação aconteça é de grande interesse favorecer ao professor um conhecimento sobre a mesma, que será o alvo das suas atenções e com a qual ele deverá relacionar-se para efetivar seus objetivos educacionais.

"O professor (educador), obviamente precisa conhecer a criança. Mas, deve conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca bem como o que ela faz ali na escola" (SALTINI, 1997, p.73)

Enfatizando a relação professor-criança como foco principal do desempenho da aprendizagem, é de suma importância reforçar que, o professor atua como protagonista da aprendizagem. Então, é muito importante que o educador crie um vínculo de amizade com as

crianças, propiciando a elas se sentirem importantes, participativa de suas atividades, havendo o interesse em sua aprendizagem e seu desenvolvimento.

Indagados sobre qual seria o papel do afeto no desenvolvimento da criança as respostas foram em 100% de que o afeto é primordial, fundamental e importantíssimo para o perfeito desenvolvimento das crianças como falam as professoras entrevistadas:

A afetividade tem um papel importantíssimo do desenvolvimento da criança, pois a mesma reconhece no adulto quando esta manifestação está presente na relação adulto-criança. A afetividade estimula o desenvolvimento pois quando uma criança sente-se amada automaticamente ela se sente segura com isto e torna-se uma criança independente e confiante [...] A minha opinião é que no decorrer de todo o desenvolvimento do indivíduo, a afetividade tem um papel fundamental. Tem a função de comunicação nos primeiros meses de vida, manifestando-se, basicamente, através de impulsos emocionais, estabelecendo os primeiros contatos da criança com o mundo. Assim a criança e o outro, constituindo elemento essencial na construção da identidade. Da mesma forma, é ainda simbólico, originando a atividade cognitiva e possibilitando o seu avanço (P B2; PB1)

Os professores veem o afeto como fundamental e importante para o desenvolvimento da criança e como a função de comunicação desde os primeiros meses de vida e que, através dele também adquirem condições necessárias para se sentir segura e protegida. “A criança vive quase tanto das relações humanas como da sua alimentação material” (WALLON, 1995, p.206). Portanto o afeto é essencial a todo ser humano e pode assim ser entendido como a energia necessária para que o cognitivo passe a operar e também influencie a construção do conhecimento, pois, ao se sentirem seguras e protegidas as crianças aprendem com mais facilidade. “A afetividade refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/interno por sensações ligadas a tonalidades agradáveis e desagradáveis”. (GALVÃO, 2001, p.17)

Tanto a afetividade como a inteligência são mecanismos de adaptação que permitem ao indivíduo a construção de noções sobre as situações, os objetos e as pessoas, atribuindo-lhes atributos, qualidades e valores. Isso contribui para a construção de si próprio e para a obtenção de uma visão do mundo.

A criança ingressa na escola carregada de emoções, sentimentos, inclusive o medo, portanto, a importância do período de adaptação das crianças na instituição de educação infantil. Sendo que o tempo que ela necessitará para envolver-se neste novo universo é diferente para cada criança e dependerá das relações afetivas que terá com sua professora.

Nesse sentido, para a criança torna-se importante e fundamental o papel do vínculo afetivo, que inicialmente apresenta-se na relação pai-mãe-filho e depois vai se ampliando para a figura do professor. Uma criança não é um ser de pura razão, os afetos, as emoções e os sentimentos são essenciais para a constituição do indivíduo. A criança pequena não aprende desvinculada de afeto, ela aprende investindo sua corporeidade, sua sensibilidade e seu imaginário. Para Guillot (2008, p12), “o professor é um mediador entre os valores éticos universais, entre a criança e a lei, entre a criança e a aprendizagem, entre a criança e a ação”. A criança é um ser de emoção e ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados nos possibilitou concluir que é possível inferir que as professoras entrevistadas compreendem a importância da afetividade para a educação infantil e esta já é uma comprovação que em muito contribui para a efetiva função do educar associado ao cuidar. Ademais, elas têm clareza de que as práticas de ensino fundamentadas na pedagogia do afeto, do respeito e do incentivo podem contribuir para uma educação integral, formando sujeitos críticos, afetivos e sociais.

Ficou evidenciado, também, que as professoras têm um conhecimento razoável, sobre a função das emoções, que é a comunicação. As crianças, por sua incapacidade oral e argumentativa, muitas vezes se valem das emoções como o choro, o riso, a raiva, etc. para expressar o que sentem, o que as está afetando. Portanto, esta linguagem precisa ser vista, valorizada pelas professoras por sua função e natureza, para que possam compreender as crianças e atendê-las em suas necessidades e singularidades.

Ademais, conhecer as emoções, sua função e natureza, implica, sobretudo mediar com a criança outras formas de comunicação, ajudá-las a expressar o que desejam e sentem, através da oralidade, da fala, para que, progressivamente, o choro, que é uma emoção que contagia o ambiente, possa ir dando lugar a outras formas mais maduras e inteligíveis de comunicação, a exemplo da conversa. Sendo a cognição e o afeto dimensões humanas fundamentais e imprescindíveis para o desenvolvimento integral da criança, verifica-se o quanto é fundamental se pensar a formação dos educadores dentro de uma perspectiva que valorize o afeto, não como algo manhoso, mas como aspecto fundamental da vida humana que precisa ser desenvolvido, faz parte da função da educação infantil.

Para que o educador possa educar e cuidar das crianças, faz-se necessário que os mesmos as vejam como pessoas que estão em constante crescimento e desenvolvimento, compreendendo sua regularidade, identificando e respondendo às suas necessidades. Isto inclui interessar-se, sobre o que a criança sente, pensa, o que ela sabe sobre si e sobre o mundo, visando ampliar esses conhecimentos e suas habilidades.

Educar vai além do que está disposto nos currículos escolares, necessita de um local com espaço onde a criança possa soltar a imaginação, a paixão, que possa explorar novos caminhos e conhecimentos, Há um paralelo entre o cognitivo e o afetivo, por serem aspectos indissociáveis no desenvolvimento intelectual, não existe ações puramente intelectuais, nem tampouco ações unicamente afetivas. Necessitam, portanto, conservar vivos: o sentir, o tocar, o ouvir e o falar do sentimento humano.

Por isso, não podemos esquecer que a criança se espelha no professor. Por esse motivo, é, sem dúvida, de grande importância ele sempre repensar sua prática pedagógica. É preciso saber trabalhar conteúdos significativos, saber cativar, estimular, incentivá-los, ensiná-los a conviver com seus pares, com os adultos. É importante aprender a ver além das aparências para que a criança tenha um desenvolvimento saudável e adequado dentro ou fora do ambiente escolar, sendo necessário haver relações positivas, como aceitação e apoio, possibilitando assim o sucesso dos objetivos educativos. Se faz necessário, também, estar atento ao fato de que a dimensão afetiva na relação educador – educando é essencial para a constituição do próprio sujeito que envolve valores e o próprio caráter necessário para o seu desenvolvimento integral.

O objetivo da educação infantil é a formação integral das crianças, em seus aspectos afetivo, social, cognitivo e motor. Ademais, é preciso cuidar e educar as crianças para que elas sejam sujeitos críticos, criativos, fraternos, solidários, atuantes, participantes e principalmente felizes. Cognição e afeto são fatores decisivos no que diz respeito ao desenvolvimento infantil e cabe ao professor criar alternativas para oferecer situações que visem à expressão das emoções das crianças, seus sentimentos, à curiosidade, a descoberta e ao desejo de aprender.

Com essa pesquisa foi possível constatar que desde a educação infantil, a escola torna-se uma parte muito importante da vida extra familiar para a criança. Geralmente, é na instituição escolar que ela começa a estabelecer contato com outras crianças e adultos criando estes vínculos afetivos que poderão influenciar de maneira positiva em todo processo de aprendizagem e socialização.

Enfim, ter afeto pelo outro e por si mesmo é uma das emoções ou sentimentos mais bonitos e motivadores do ser humano. Afeto e emoções podem e devem ser manifestados e expressados livremente em todos os lugares por ser incondicional. Nos baseamos, principalmente no tocante à aprendizagem, ficamos fascinados pelo tema e nada mais fizemos do que emoldurar aquilo que vivemos, sentimos e ouvimos dos relatos feitos por professores.

Ao delinear esta pesquisa, apenas tivemos em mente apresentá-la aos leitores subsídios para auxiliar o professor na sua prática pedagógica, obtendo com isto um melhor desempenho na aprendizagem. Se conseguirmos transformar a educação infantil e suas relações, estaremos contribuindo para a construção de uma sociedade mais solidária, cooperativa, democrática, libertadora humana e justa, constituindo assim, nossa razão de ser e vir a ser, sempre.

Esperamos, pois, que os resultados obtidos possam contribuir ao propósito deste estudo, que é mostrar a afetividade como fator essencial no processo de ensino e aprendizagem, assim como na vida pessoal do ser humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCASTRO, Clarice Escolbar de. **As relações de afetividade na educação infantil**. Porto Alegre. 2009
- ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. 5. Ed. Campinas, Sp: Papyrus, 2001.
- ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. Coleção Polêmica do nosso tempo. São Paulo: Editora Cortez, 1994.
- ALVES, Rubem. **Educação e prazer**. In: Dois Pontos, julho e agosto, 1997.
- ANTUNES, Celso. **A inteligência emocional na Construção do Novo Eu**. 6º Edição. Petrópolis: Vozes, 1997.
- AQUINO, Júlio Groppa. **Relação Professor – aluno: do pedagógico ao institucional**. São Paulo: Summus, 1996 – (Novas buscas em educação, Vol. 42).
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARROS, Célia Silva Guimarães. **Pontos de Psicologia Geral**. São Paulo: Ática, 1986.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. Departamento de Política da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Vol. 1 e Vol. 2.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: Senado Federal. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituição/Constituição.htm>. Acesso em: 26 jun. 2009.
- BRASIL. Resolução nº5 de 17 de dezembro de 2009: **Diretrizes curriculares para a educação infantil**.
- CABRAL, Maria de Lourdes da Silva. **Afetividade na escola: uma necessidade para a aprendizagem**. Monografia de conclusão de curso de Pedagogia. Instituto Superior de Educação Alvorada Plus. São Paulo, 2007.
- CERISARA, Ana Beatriz. **Professoras de educação infantil: entre o feminino e o profissional**. São Paulo: Cortez, 2002.
- CHARDELLI, Rita de Cássia Rocha. **Brincar e ser feliz**. Disponível em: <http://7mares.terravista.pt/forumeducação/textos/textobrincardeserfeliz.htm>. Acesso em: 25/01/2014.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5º edição. São Paulo: Cortez 2001.

COSTA, Adalvo da Paixão Antonio. O conteúdo afetivo no currículo escolar. **Revista de Educação da Faesa**. V.1, nº1. Ago. 2000.

CRAIDY, Carmen Maria. **Convivendo com crianças de 0 a 6 anos**: O educador de todos os dias. 3ª ed. Porto Alegre. Editora motivação, 2001.

DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

DANTAS, Heloysa. **A infância da Razão**. São Paulo: Manole, 1994.

DAVIS, Cláudia B. OLIVEIRA, Zilma. **Psicologia na Educação**. São Paulo: Editora Cortez, 1990.

EVANS, Judith L. **Saúde: O cuidado necessário para sobreviver e prosperar**. Coordinator's Notebook, 1993.

FREIRE, Paulo. **Educação: O sonho possível**. In: Brandão, Carlos Rodrigues. O Educador: Vida e Morte. 5º Edição. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Izabel. WALLON, Henri. **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis. Vozes, 2001.

GOLEMANN, Daniel. **Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1995.

GONÇALVES, Ellen Prata. Advogada Especialista em Direito Público. Publicado na edição nº 4 Revista OAB Legal.

GONÇALVES, M.F.C. **Educação escolar: Identidade e diversidade**. Florianópolis: Pioneira, 2003. (p.69-96)

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação á pesquisa científica**. 2º. Ed. São Paulo: Atilínea, 2001.

GROSSI, Éster P. e BORDIN, J. (org.). **Construtivismo pós – piagetiano**. Petrópolis, Editora Vozes, 1993.

GUILLOT, Gerard. Artigo, Revista Pátio nº 17, 2008.

HILLAL, Josephina. **Relação Professor – aluno: formação do homem consciente**. São Paulo: Editora Paulinas, 1985.

KRAMER, Sônia (org.). **Infância e Educação Infantil**. São Paulo: Papirus, 1999.

KRAMER, Sônia (org.). **Com a pré-escola nas mãos: Uma alternativa curricular para a educação infantil**. 14ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2003.

KULLOK, Maisa Gomes Brandão. **Relação professor – aluno: Contribuições à prática pedagógica**. Maceió: Edufal, 2002.

KUPFER, M. C. **Freud e a Educação: O mestre do impossível**. São Paulo: Editora Scipione, 1989.

LA TAILLE, Yves de. & Oliveira, Marta Kohl de. & Dantas, Heloisa. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 8ª Edição. São Paulo: Summus, 1982.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, Lei nº 9.394/96. Brasília: Câmara dos Deputados, 1997.

MACÊDO, Lenilda Cordeiro de. **O lugar das emoções na educação infantil: o que pensam os educadores?** 2002. 98 f. Monografia. (Especialização em educação infantil). Universidade Federal da Paraíba, 2002.

MACÊDO, Lenilda Cordeiro de. **Práticas de cuidado e educação da criança de 0 a 2 anos na creche: novos olhares**. 2005. 179 f. Dissertação. (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.

MARCHAND, Max. **A afetividade do educador**. São Paulo: Editora Summus, 1985.

MASINI, Elcie F. Salzano, SHIRAHIGE, Elena E; NEVES, Siloé Pereira (Org.). **Uma jornada de reflexão sobre a prática em psicopedagogia**. São Paulo: Vetor, 2005.

MATURANA, Romicim Humberto & Verden – Zöllner. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia**. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MENGA, L. e ANDRÉ, M. **Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso**. In: Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.

MONTEIRO, Maria Therezinha de Lima. **Serie texto didático: Cognição e afetividade. Piaget e Freud**. Brasília: Universal, 2003.

MORALES, Pedro. **A relação professor – aluno: o que é, como se faz**. São Paulo: Editora Loyola, 1999.

- MUKHINA, Valéria. *Psicologia da idade pré-escolar*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- NERY, Maria da Penha. **Vínculo e Afetividade: caminhos das relações humanas**. São Paulo: Ágora, 2003.
- NICOLAU, Marieta, L.M. **A educação pré-escolar**. São Paulo: Ática, 1989.
- NOLTE, Dorothy; Harris, Rachel. **As crianças aprendem o que vivenciam**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- NOVAES, Maria H. **Psicologia escolar**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky – Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio histórico**. São Paulo, Editora Scipione, 1992.
- OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos (org.). **Educação infantil: muitos olhares**. São Paulo: Editora Cortez, 2001.
- PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990.
- PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1970.
- PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Editora forense, 1974.
- PIAGET, Jean. **A psicologia da criança**. São Paulo: Editora Difel, 1983.
- REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: Uma perspectiva histórico – cultura da educação**. 14ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- RIBEIRO, Ludmylla Paes Landim. **Afetividade na educação infantil: a formação cognitiva e moral do sujeito autônomo**. 13 de Dezembro de 2010.
- ROSEMBERG, F. (org.). **Temas em destaque: creche**. São Paulo: Cortez, Fundação Carlos Chagas, 1994.
- ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Educar para Ser**. 2ª ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2005.
- SALTINI, Cláudio J.P. **Afetividade e Inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 1997.
- SILVA, Rosa Maria Santos. **A importância da afetividade na relação professor – aluno**. Revista do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas. Anos 07, nº 11, dezembro de 1999.
- SOUZA, Evanira Maria de. **Problemas de aprendizagem**. Bauru: Edusc, 1996.

SPAZZIANI, M.L. **As práticas pedagógicas sobre saúde na dinâmica docente.** In: GONÇALVES, M.F.C. Educação escolar: Identidade e diversidade. Florianópolis: Pioneira, 2003. (p.69-96)

VIEIRA, Livia Maria Fraga. **A formação do profissional de educação infantil no Brasil no contexto da legislação, das políticas e da realidade do atendimento.** Revista quadrimestral, Faculdade de Educação Unicamp. Vol.10, p.28-39, março. 1999.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

VYGOTSKY, L. S. **A Construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré-escola.** 8º edição. São Paulo : Cortez, 2009. (Coleção questões de nossa época, v.48).

WALLON, Henri. **Psicologia da educação e da infância.** Lisboa Portugal: Editorial Estampa, 1975.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa Portugal: Edições 70, 1995.

WEBER, Marisa Regina; AVIZ, Denise Stollmeier de. **A afetividade na aprendizagem: A importância do educador, da família, da escola e o papel da afetividade na alfabetização.** Revista de divulgação técnico – científica do ICPG, v.3 n.9 – jul. – dez. 2006.

Anexos

QUESTIONÁRIO QUALITATIVO – ARGUMENTATIVO

TEMA: AFETIVIDADE E EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ELO INDISPENSÁVEL

RESPONSÁVEL: FANY SILVA DE SOUZA

Total de Docentes Entrevistados: 6

Cidade dos Docentes Entrevistados: Campina Grande – PB

Com o objetivo de relacionar a teoria e prática na educação infantil e bem como concluir o curso de especialização pela UEPB, contamos com a sua colaboração nas respostas do questionários e também nos relatos sobre a prática da docência ao que se refere as crianças na idade de 0 a 6 anos.

Desde já agradecemos por sua disponibilidade e valiosa contribuição.

PERGUNTAS:

1º Para você, como ocorre o desenvolvimento da criança?

2º Como você percebe/compreende as manifestações emocionais das crianças na Creche, como choro, o riso, a raiva e outras?

3º Fale sobre sua relação com as crianças na creche/pré-escola.

4º Em sua opinião, qual é o papel do afeto no desenvolvimento da criança?

Com o objetivo de relacionar a teoria e prática na educação infantil bem como concluir o curso de especialização pela UEPB. Contamos com a sua colaboração a partir de opiniões tanto respondendo a este questionário quanto participando de entrevista na qual relate um pouco da sua prática enquanto professor (a) de crianças de 0 a 6 anos de idade.

Desde já agradecemos por sua disponibilidade e valiosa contribuição.

Questionário de identificação

Idade: 20 a 30 anos ____

30 a 40 anos ____

40 a 50 anos ____

50 a 60 anos ____

60 ou mais ____

Sexo: Feminino ____

Masculino ____

Estado Civil: _____

Quantidade de filhos: ____

Religião: _____

Você se considera: Branco(a) ____

Negro(a) ____

Pardo(a) ____

Grau de Instrução: _____

Turma que leciona no momento na instituição: _____

Há quantos anos trabalho com educação infantil: ____

Qual o seu vínculo com PMCG?

Professor (a) efetivo ____

Professor (a) contratado ____

Grau de satisfação com a sua profissão: Satisfeito ____

Insatisfeito ____

Mais ou menos ____

Entrevista (Questões)

1. Para você, como ocorre o desenvolvimento da criança?
2. Como você percebe/compreende as manifestações emocionais das crianças na creche, como choro, o riso, a raiva, e outras?
3. Fale sobre a sua relação com as crianças na creche/pré-escola.
4. Em sua opinião, qual é o papel do afeto no desenvolvimento da criança?

Perguntas e respostas

1. A você, como ocorre o desenvolvimento da criança?

Prof. B1:

O desenvolvimento das crianças não acontece de forma linear, as mudanças ocorrem de forma gradual onde a criança vai avançando em seu estágios e etapas do desenvolvimento humano, cada uma com suas particularidades.

Prof. B2:

O desenvolvimento da criança pode ser definido como o processo de construção da identidade humana, ou seja, inicia-se no momento da concepção e não se detém até a morte do indivíduo. O desenvolvimento é comumente subdividido em vários setores ou domínios, como:

-Desenvolvimento motor, desenvolvimento afetivo, desenvolvimento da linguagem.

Para que os fenômenos fossem melhor conhecidos foram subdivididos e cada especialidade encarregou-se de entender as partes do dado fenômeno nos mínimos detalhes. Se por um lado, esse processo foi bom, pois permitiu um enorme avanço nos conhecimentos, por outro, acarretou o fracionamento da pessoa que deixou de ser vista como um ser integral, para ser conhecido por seus setores, órgãos e muitas vezes por suas doenças.

Prof. M1:

Acho que é através da brincadeira que a criança é motivada a realizar coisas que ainda não é capaz de fazer. Durante a brincadeira ela aprende regras de convivência, antecipando e elaborando situações que ainda não está preparada para realizar na vida real.

Prof. M2:

A criança se desenvolve por meio de interações, nos mais variados aspectos. E nada como o brincar para solidificar suas descobertas; como afirma Rubem Alves que, brincar não tem utilidade específica, mas, é instrumento de dar prazer, de equilibrar as emoções, de felicidade.

Prof. P1:

A partir de um processo natural e espontâneo decorrente da interação e ação, entre a criança e os adultos, com as próprias crianças e com o meio físico no qual está inserido. Após esse processo de interação a criança passa a construir seus esquemas de percepções motora cognitiva, emocional, oralidade e afetividade.

Prof. P2:

A partir do nascimento a criança busca conhecer o mundo que a cerca, através das descobertas, da fala, da interação com os membros da família. A criança desenvolve-se com a interação com os outros, cada vez que proporcionamos condições de conhecimento, o desenvolvimento ocorre na criança. É através do estímulo, da motricidade, oralidade. O desenvolvimento infantil acontece gradativamente e se tiver um significado para esta criança ele é absorvido melhor.

2. Como você percebe/compreende as manifestações emocionais das crianças na Creche, como choro, o riso, a raiva e outras?

Prof. B1:

Estas manifestações expressam a adaptação a ambientes diferentes, portanto este meio físico e social que é a creche como um ambiente seguro então o riso, a raiva passam a ser manifestações naturais das crianças onde demonstram seus sentimentos.

Prof. B2:

Eu compreendo que essas manifestações emocionais das crianças na creche, como choro, riso, raiva e outras são as primeiras manifestações de necessidade afetiva e elo delas com o meio, tanto biológico como social. Essas manifestações emocionais fazem parte da construção do “eu” da criança, que vai se delineando pouco a pouco. No ambiente escolar, dependendo de como o professor, o meio e os colegas afetam as crianças, seu aprendizado pode ser desenvolvido ou inibido, e a emoção transparecida por ela evidencia isso. Um lugar repressor ou em que a violência aparece de forma corriqueira gera manifestações mais agressivas. O medo por exemplo, pode inibir a aprendizagem pois a emoção impossibilita que o raciocínio atue de forma efetiva.

Prof. M1:

Através do diálogo, da interação com as crianças durante os momentos vividos na creche. Acredito que ao me colocar no lugar do outro em diferentes situações estou contribuindo para que a criança conheça a si e ao outro.

Prof. M2:

O choro, o riso, a raiva, a “birra” e etc. são formas de expressar o que sentem e/ou que querem. Percebo como emoções legítimas e inatas do ser humano, principalmente para as crianças, por estarem usando essa forma específica de comunicação em substituição, muitas vezes a oralidade.

Prof. P1:

Em virtude o processo interação afetiva entre professor e aluno, haverá uma maior sensibilidade frente a essas emoções, ficando assim, mais fácil de detectar.

Prof. P2:

A clientela das creches geralmente são crianças que apresentam uma fragilidade maior pela falta de compreensão de seus familiares, se percebe que as crianças são carentes de atenção. As suas necessidades sócio afetivas são percebidas facilmente por nós educadores, por serem pequenos e enfrentarem tão cedo as severas questões sociais. As crianças com famílias estruturadas emocionalmente, são crianças calmas, tranquilas, pois desde cedo, no seu lar são trabalhados os valores morais e éticos. Existem vários fatores, que implicam na hora de um choro, existe o choro de birra, o choro de saudade de casa ou da mãe, o choro de

raiva. A manifestação de alegria que observamos nas crianças, aparecem com as brincadeiras. Na troca de conversa entre si, geralmente quando realizam suas atividades, assistem a DVD, ouvem histórias e participam de algo que sejam valorizadas.

3. Fale sobre sua relação com as crianças na creche/pré-escola.

Prof. B1:

Minhas relações com as crianças são de respeito, carinho, amor, atenção onde estes acontecem naturalmente.

Prof.B2:

Trabalho com as crianças do berçário II cuja faixa etária vai de 1 ano a 2 anos! A minha relação com as crianças considero muito boa, pois tento passar afetividade, segurança, tranquilidade para as crianças. O trabalho é diariamente de estimulação e afetividade, pois as crianças ainda não falam e são totalmente dependentes dos educadores. É preciso gostar do que faz.

Prof.M1:

Acho que é uma relação de interação afetiva; pois além de transmitir conhecimentos aos pequenos, tento não deixar de lado a relação afetiva com os mesmos, preparando-os para a vida profissional e cotidiana, repassando os valores.

Prof.M2:

Entre as crianças e eu há uma relação mais que estreita. Busco ouvir, ver, mediar, interagir, contar histórias, brincar, quase que sempre; de modo espontâneo ou dirigido.

Prof.P1:

Procuo demonstrar as crianças que me preocupo com elas através, das rodas de conversas, participando e interagindo nas brincadeiras e atividades propostas como em alguns momentos da recreação. Dessa forma, consigo conquistar a confiança, carinho e atenção que são visualizados através de sorrisos e até mesmo ganhando flores do mato por parte de alguns.

Prof.P2:

A minha relação com as crianças, eu considero amigável, busco na maioria das vezes, ouvir o que elas tem pra expressar, suas necessidades, suas novidades. Observo que, algumas crianças necessitam da nossa intervenção no sentido de respeitar o outro, as crianças necessitam de limites e regras de convivência para saberem viver no mundo que as rodeia.

4. Em sua opinião, qual é o papel do afeto no desenvolvimento da criança?

Prof.B1:

A afetividade tem um papel importantíssimo do desenvolvimento da criança, pois a mesma reconhece no adulto quando esta manifestação está presente na relação adulto-criança. A afetividade estimula o desenvolvimento pois quando uma criança sente-se amada automaticamente ela se sente segura com isto e torna-se uma criança independente e confiante.

Prof.B2:

A minha opinião é que no decorrer de todo o desenvolvimento do individuo, a afetividade tem um papel fundamental. Tem a função de comunicação nos primeiros meses de vida, manifestando-se, basicamente, através de impulsos emocionais, estabelecendo os primeiros contatos da criança com o mundo. Assim a criança e o outro, constituindo elemento essencial na construção da identidade. Da mesma forma, é ainda simbólico, originando a atividade cognitiva e possibilitando o seu avanço.

Prof. M1:

Através do afeto a criança adquire condições necessárias para se sentir segura e protegida. É necessário que ela possa estabelecer relações positivas, para se atingir os objetivos educativos.

Prof.M2:

Nós seres humanos somos ao mesmo tempo, seres racionais e emocionais e, essa ambiguidade é que faz um equilíbrio nas relações. Mas, é preciso que o afeto seja constante e de forma dosada para que não gerar na criança dependência.

Prof.P1:

O afeto é fundamental para o desenvolvimento da criança, como também no processo ensino-aprendizagem, pois inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores, emoções e etc. Dessa forma, o afeto deve fazer parte na relação entre professor e aluno nas atividades propostas em sala de aula, como também nas atividades extras-sala, pois, por meio do grau de afetividade entre ambos ocorre a interação e a construção do conhecimento da criança.

Prof.P2:

Acredito que é primordial e de profunda importância, pois, para acontecer o desenvolvimento, a criança precisa estar bem com ela mesma e com os outros, com quem ela vive. Ao sentir aceita e amada, a criança tem sua autoestima elevada garantindo seu desenvolvimento.